

# A CONCEPÇÃO DE HOMEM EM MARX

## O Trabalho entre a Natureza e a História

Cláudio Amorim Pádua

Orientador: Prof. Dr. Jesus José Ranieri

Unicamp, IFCH, PIBIC-CNPq

### HOMEM - HISTÓRIA - TRABALHO

#### Introdução

Na busca da compreensão da sociedade, em meio ao debate político-ideológico em que Marx se encontrava, ele depara-se - como todo pensador que se direciona a constituição de uma teoria social, política ou histórica - com a questão do que seja o *homem*, a *natureza humana*, a *essência humana*, etc. Nas duas obras abordadas nesta pesquisa, os *Manuscritos Econômico-filosóficos* e *A Ideologia Alemã*, há um intenso debate, apesar de nem sempre explícito, entre a iminente *concepção de homem* de Marx e as que estão por trás das correntes de pensamento mais vivas neste momento de sua formação: a *economia política* (ou economia nacional) e a *filosofia alemã*. Pode-se dizer, inclusive, que a *concepção de homem*, a “*antropologia*”, de Marx se fundamenta, de modo geral, na articulação entre as concepções provenientes destas correntes de pensamento.

A crítica da economia política leva-o a um debate sobre a base epistemológica e antropológica sob a qual a economia política se assenta, sobre as possibilidades que ela engendra e sobre os seus limites.

Já n’*A Ideologia Alemã*, onde Marx expõe sua *teoria da história* sistematicamente e com sua própria linguagem, o embate *antropológico-filosófico* se dá em relação ao hegelianismo disseminado no pensamento de esquerda alemão e em relação ao materialismo de Feuerbach. Nesta obra, Marx articula sua concepção *antropológico-filosófica* com sua concepção sobre a história, formando uma unidade dialética para explicar o desenvolvimento histórico. De um lado, temos a explicação da história iniciando pela exposição do modo como os indivíduos constituem a sociedade e são constituídos por ela (e este é o aspecto fundamental) e, por outro, temos a explicação do movimento histórico através das categorias que Marx abstrai das sociedades humanas: o *modo de produção*, as *forças produtivas*, as *relações de produção*, etc.

#### Método

Essa pesquisa girou em torno de dois textos-chave: os *Manuscritos Econômico-filosóficos* e *A Ideologia Alemã*. Foi feita uma densa leitura destes textos, destacando todos os momentos em que Marx fez menções ao *homem*, ao *indivíduo*, a *consciência*, a *natureza humana*, etc. e, com isso, esboçamos uma análise prévia da sua concepção sobre o *homem*. A partir das dúvidas que foram surgindo, buscamos auxílio e iniciamos as leituras dos comentadores da obra de Marx que abordaram essas questões, então, seguimos na sistematização da concepção de homem em Marx.

#### Conclusões

O pensamento de Marx rompe, por um lado, com o paradigma da *economia política* que, normalmente, segue o caminho metodológico de construir um *estado de natureza* onde o *homem* é isolado sob uma forma eternizada que acaba, de modo geral, por concluir pelo *egoísmo* como uma categoria inata ao *homem*; e, por outro lado, também rompe com o *idealismo alemão* que constitui um conceito abstrato do *Homem* e vê a *história* como uma espécie de *evolução da auto-alienação* deste conceito, ou seja, através da abstração o *Homem*, a *filosofia alemã* daquele momento olhava para o passado e reconhecia a *história da humanidade* como dada pelo movimento que a *consciência* percorreu.

Na antropologia de Marx, *não há a fixação de um conceito de homem* com características ou comportamentos inatos para dele se explicar a constituição das *relações sociais*, como o que resulta do *estado de natureza* que os *economistas políticos* criam, pois, em Marx, *o que os homens são* depende sempre das *condições históricas/objetivas* que eles encontram independentemente de suas vontades e com as quais têm necessariamente que se relacionar para sobreviver. Ao invés de encarar as relações capitalistas como dadas pela *natureza humana*, Marx encara a *natureza do homem*, que se constitui no e pelo *período histórico*, como dada pelas condições capitalistas de produção.

Essa antropologia de Marx, isto é abordado desta forma nos *Manuscritos Econômico-filosóficos* (mas, com outra linguagem, também tem este mesmo sentido em *A Ideologia Alemã*) é pautada pela noção, em primeiro lugar, de que o *homem* (ou *cada indivíduo*) é um *ser genérico*, que tem uma atividade genérica consciente, que se objetiva e, em segundo lugar, de que o *homem se desenvolve* ao longo da *história da humanidade*. A única característica inata ao

homem é que ele se encontra necessariamente conectado com a natureza, e que, nessa conexão, ele se desenvolve ininterruptamente em seus “sentidos humanos” e em sua consciência.

O desenvolvimento do homem, da sua consciência e de seus sentidos humanos, se dá em meio ao processo de *trabalho*, onde o *homem objetiva sua essência humana* ao transformar os objetos da natureza. No processo de *trabalho*, ou seja, na *produção da vida material* necessária a sobrevivência, o *homem* se apropria de um número cada vez mais elevado de objetos da natureza (fazendo-os objeto de seu gênero), compreendendo-os e estabelecendo relações mais complexas com e em relação a eles, *humanizando-os* e também *humanizando-se*. Enfim, a *transformação do mundo sensível* através do *trabalho*, que o homem realiza ao longo de toda a história, tem por resultado o seu progressivo *desenvolvimento interior* (a consciência e os sentidos humanos), na *transformação das condições materiais de existência*, que se realiza naturalmente a cada geração, *os homens transformam-se também a si mesmos* de modo a atualizar suas relações estabelecidas com a natureza e entre si adequando-as as novas condições históricas.

N’*A Ideologia Alemã*, em oposição à concepção da história da filosofia alemã, a abordagem de Marx vai destacar, principalmente, que são sempre indivíduos determinados, sob determinadas condições materiais de produção que engendram um modo de agir, de pensar, enfim, de viver em cada sociedade. O *homem* se encontra, a cada momento histórico, *determinado pelas relações materiais* que encontra e que tem que reproduzir para sobreviver. Essas condições materiais, esse estágio de desenvolvimento em que se encontram as forças produtivas, e essas relações sociais, políticas, etc., que estão conectadas a elas, são a base real da qual se deve partir para a compreensão da história. Tomando a questão deste modo, temos que, inversamente a filosofia alemã, são *as condições exteriores* ao homem que *determinam* o seu *interior*, de modo que, o *trabalho* e as *condições materiais* de existência encontradas pelo homem são os determinantes da relação essencial dos homens com a natureza e entre si, conseqüentemente, da história.

#### Resultados e discussões

Observamos que, aparentemente, toda a reflexão antropológica que Marx leva a cabo se constituiu conjuntamente a todas as “frentes” da teoria marxiana e, de certo modo, como pano de fundo delas. De acordo com o que constatamos, essa antropologia - que Marx não se dedicou a sistematizar claramente, mas que acaba evidenciada nessas duas obras - parece estar integrada a todo o seu pensamento daquele momento - os princípios da sua epistemologia, da sua teoria da história, da política, da economia, etc - e também ao seu pensamento posterior. A continuidade da reflexão sobre esta questão pode contribuir para a compreensão da teoria de Marx daquele momento, sobre sua relação com os autores da economia política e com os autores da filosofia alemã de seu tempo, e sobre a discussão da “ruptura” ou “continuidade” teórica entre os períodos de “juventude” e “maturidade” de sua obra. A discussão da *concepção de homem*, da *antropologia*, de Marx pode levar também a uma compreensão melhor sobre a relação dos *indivíduos* e as *classes* e sobre relação entre a economia ou a produção material e as demais esferas sociais.

#### Referências

- MARX, Karl. *Manuscritos econômico-filosóficos*, tradução de Jesus Ranieri, São Paulo, Boitempo, 2004.
- MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. *A ideologia alemã*, tradução de Conceição Jardim e Eduardo Lúcio Nogueira, Lisboa, Editorial Presença (Portugal) / Livraria Martins Fontes (Brasil), s/d.
- LUKÁCS, György. *Ontologia do ser social: os princípios ontológicos fundamentais de Marx*, tradução de Carlos Nelson Coutinho, São Paulo, Livraria editora ciências humanas, 1979.
- MÉSZAROS, István. *Marx: a teoria da alienação*, tradução de Waltensir Dutra, Rio de Janeiro, Zahar, 1981.
- MÁRKUS, György. *A teoria do conhecimento no jovem Marx*, tradução de Carlos Nelson Coutinho e Reginaldo Di Piero, Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra, 1974.
- RANIERI, Jesus. *A câmara escura: alienação e estranhamento em Marx*, São Paulo, Boitempo, 2001.